Semelhanças e diferenças entre blogs confessionais e diários íntimos[1]

Similarities and differences between confessional blogs and diaries

Patrícia Pereira Batista | patypera@gmail.com
Mestranda do Programa de Pós-Gradução em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGCOM/Uerj.

Resumo
Blogs confessionais e diários íntimos costumam ser associados por apresentarem conteúdos semelhantes – ambos narram reflexões e ações cotidianas. Por vezes, os blogs confessionais são vistos como diários que migraram para a tela do computador (diários *online*). Mas há quem os dissocie da história do diarismo e os considere uma nova prática. Neste artigo, serão analisadas as diferenças e semelhanças entre diários e blogs confessionais.
Palavras-chave: Blog confessional; Diário íntimo; Escrita auto-referente.

Abstract
Confessional blogs and diaries tend to be associated because they have similar content - both narrate thoughts and daily actions. Sometimes confessional blogs are viewed as diaries that migrated to the computer screen (online diaries). But some people delink confessional blogs to the diarism history and consider them as a new practice. In this article we will analyze the differences and similarities between confessional blogs and diaries.
Keywords: *Confessional blogs; Diary; Self-referential script.*

Narrar a própria vida dia a dia, sejam as reflexões ou ações cotidianas, não é um hábito novo que surgiu com os blogs de cunho pessoal, onde o autor publica *posts* em que expõe em minúcias sua vida íntima. Essa prática é típica da escrita de diários, aqueles de papel e que costumavam ser guardados a sete chaves. Pela semelhança temática, blogs e diários costumam ser comparados. Chega-se até a cogitar se os blogs ditos pessoais, que aqui denominaremos "blogs confessionais", seriam uma continuidade do diarismo em outro suporte – no lugar do caderno, a tela do computador.

Há semelhanças e também diferenças entre as duas práticas. E, ao se comparar blogs e diários, os principais tópicos analisados são a publicização da intimidade, a existência de interlocutores, a possibilidade do surgimento de censura, o formato do texto, a mudança do suporte material e a perda da aura de "caderno único". Antes de aprofundar esses tópicos, será preciso conhecer como surgem os blogs confessionais e o que os caracteriza para, assim, poder-se compará-los aos diários íntimos.

Origem: do weblog ao "blogar"

Hoje em dia, quem não tem ou não sabe de alguém que tenha um blog? Em pesquisa sobre o estado da blogosfera[2], o banco de dados *Technorati* (technorati.com) cataloga 133 milhões de blogs indexados desde 2002[3]. Segundo dados do site, 900 mil *posts*[4] são publicados a cada 24 horas e, na lista "Top 10" dos sites de entretenimento, quatro deles são blogs. Os blogs constituem um fenômeno na internet.

O termo blog é de origem americana e vem da abreviação de *weblog*, palavra formada pela contração de *web* (página na internet) e *log* (diário de bordo, em que navegadores registravam os eventos das viagens). Em *weblog*, portanto, *web* representa a própria internet e *log*, os registros que são publicados pelo usuário. O termo foi cunhado por John Barger, em 17 de dezembro de 1997, em seu site pessoal "Robot Wisdom Weblog" para referir-se a um conjunto de sites que listavam e divulgavam links interessantes encontrados na rede. (LEMOS, 2002; ROCHA, 2003; SCHITTINE, 2004; AMARAL, RECUERO e MONTARDO, 2009). A abreviação, blog, só passou a ser usada no início de 1999. Foi uma brincadeira de Peter Merholz, que separou a palavra *weblog* em "we blog" na barra lateral de sua página (Peterme.com), criando a frase "nós blogamos". O trocadilho acabou por instituir a palavra "blog", o verbo "blogar" e o sujeito "blogueiro"[5] (MALINI, 2008, p. 3).

Antes de os termos que designam essas páginas na internet – *weblog* e blog –serem inventados, porém, já existiam tais tipos de sites. Há controvérsias sobre qual foi o primeiro blog. Dois americanos reivindicam o posto. Um deles é Justin Allyn Hall, com o site *Justin's Links from the Underground*, publicado em janeiro de 1994. Na página da internet, o jovem de 19 anos relatava, como uma espécie de diário, sua vida pessoal em detalhes, incluindo temas como

suas bebedeiras, doenças sexualmente transmissíveis contraídas por ele e até o suicídio do pai. A outra americana é Carolyn Burke, com o site *Carolyn Diary* (www.carolyn.org), criado em janeiro de 1995, no qual escrevia sobre fatos cotidianos (FERREIRA e VIEIRA, 2007, p. 2). Outro na lista dos pioneiros do gênero é Claudio Pinhanez, com o site chamado *Open Diary*, publicado de novembro de 1994 a 1996.

Há, ainda, pesquisadores que consideram o primeiro *weblog* como sendo o primeiro *website*, o site construído por Tim Berners-Lee quando foi criada a Web (ROCHA, 2003, p. 75). Amaral, Recuero e Montardo explicam que isso ocorre porque houve uma época em que os *weblogs* eram muito semelhantes aos sites comuns da Web, tendo como função apontar novos sites que eram colocados no ar. "Talvez por conta dessa semelhança, autores como David Winer[6] considerem como o primeiro weblog o primeiro site da web mantido por Tim Berners-Lee, no CERN" (2009, p. 28).

As características necessárias para que um site na internet seja considerado um blog são a presença de texto organizado em ordem cronológica reversa – o *post* mais recente aparece em primeiro lugar, no topo da página –, postagens datadas e atualizadas com certa freqüência e a existência, quase sempre, de um espaço para comentários do leitor. Vale lembrar que o *post*, além de texto, pode trazer imagem e som.

As características listadas acima, consensuais entre estudiosos do tema, estão ligadas ao formato do blog, não ao seu conteúdo e finalidade. E são exatamente o conteúdo e a finalidade do material postado que irão provocar as maiores divergências e confusões a respeito do que é um blog. Desde que foram criados até os dias atuais, os blogs passaram por várias "fases" ou "ondas" em que certos tipos de conteúdos e finalidades predominaram. Três delas são as mais consolidadas e serão descritas a seguir.

Três gerações de blogs

Os primeiros blogs foram criados para listar e compartilhar links de páginas da Web consideradas interessantes por seus autores, "em geral acompanhados de impressões sobre o conteúdo das mesmas" (AMARAL; RECUERO; MONTARDO; 2009, p. 103). Ou seja, os blogs eram páginas que indicavam outras páginas, fornecendo o link e fazendo comentários breves, e os *posts* consistiam em dicas de outros sites. "O *post-link* foi o primeiro gênero narrativo dos weblogs, ainda muito associado à cultura hacker (de troca de informação relevante)" (MALINI, 2008, p. 3).

Entre 1997 e 1999, como explica Malini (2008), predominaram os blogs caracterizados pelos "post-links". Eles funcionavam como uma espécie de filtro, conduzindo seus visitantes sempre a outros sites. Era esta, por exemplo, a dinâmica do site "Robot Wisdom Weblog", de Jorn Barger, criador do termo *weblog*.

> Barger ficava o dia inteiro garimpando notícias, informações, casos etc, que publicava na forma de comentários breves com disponibilização dos links desses dados, sem a existência de mecanismos de conversação com o usuário (particularmente, os comentários). O modelo de Wisdom consistia em uma produção que mais atualizava links do que criava conteúdos próprios (posts - entradas compostas por textos, fotos, ilustrações, links). (MALINI, 2008, p. 2)

No período em que a hegemonia é de blogs deste tipo, que aqui se considera como sendo de uma primeira geração blogueira, era preciso dominar a linguagem HTML para criar e manter tais páginas. A primeira mudança no perfil dos blogs vai estar associada ao avanço das ferramentas que permitem sua publicação.

É o que ocorre em 1999, quando em julho o *Pitas* (www.pitas.com) lança a primeira ferramenta de fácil publicação, em que o internauta não precisa conhecer a linguagem de programação HTML para criar e manter seus sites. É seguido pela *Pyra*, que lança, um mês depois, o Blogger (www.blogger.com) – que foi comprado pelo *Google* em 2004 (FERREIRA e VIEIRA, 2007; MALINI, 2008; AMARAL, RECUERO e MONTARDO; 2009). Com esses serviços, tornava-se automática e gratuita a publicação de blogs.

A facilidade tecnológica e a gratuidade fizeram com que muitas pessoas ingressassem na rede e passassem a criar suas próprias páginas. "A posterior agregação da ferramenta de comentários aos blogs também foi fundamental para a popularização do sistema" (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 28).

Houve uma explosão de blogs, mas agora com um novo perfil. Como documentam vários autores (LEMOS, 2002; ROCHA 2003; AMARAL, RECUERO e MONTARDO, 2009), a tendência foi transformar essas páginas em diários pessoais, publicando relatos sobre a vida cotidiana e reflexões. Como tais ferramentas facilitaram a escrita de um pensamento ou de uma observação, muitas pessoas não se sentiram mais inclinadas a criar um link e escrever algo em torno dele e sim a publicar relatos pessoais (BLOOD, 2002, apud MALINI, 2008).

Esse primeiro *boom* dos blogs, em uma época em que foram usados predominantemente para publicar relatos íntimos, marcou a imagem da ferramenta, que passou a ser associada unicamente a diários pessoais.

Com o passar dos anos e a apropriação feita pelas mais diversas pessoas, e com os mais distintos fins, os blogs perderam o perfil quase único de diário pessoal e se tornaram ferramentas com múltiplos conteúdos e finalidades: jornalístico, literário, corporativo, didáticos etc, o que caracteriza a terceira geração de blogueiros. Como explicam Ferreira e Vieira, os blogs ganharam status de um canal de comunicação, sendo utilizados em diversas áreas, como moda, jornalismo e até estratégia de marketing de empresas. "O blog hoje é uma moda presente na rede" (2007, p. 5).

Apesar da proliferação de tipos de blogs, com os mais variados conteúdos e finalidades, "ainda hoje, o uso do blog como um diário pessoal é apontado

por muitos autores como o mais popular uso da ferramenta (vide, por exemplo, Oliveira, 2002; Herring, Scheidt, et al., 2005; Schmidt, 2007)" (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 29).

O perfil de blog usado como diário íntimo já não é mais o único na rede, mas continua preponderante entre os blogueiros. Adota-se neste artigo, para referir-se a tais páginas sem confundi-las com os múltiplos gêneros de blogs existentes na atualidade, o termo "blogs confessionais". Esses blogs, pelo conteúdo de seus *posts*, voltados para reflexões e relatos cotidianos, são associados aos antigos diários íntimos, escritos em papel.

Sibilia (2003) lembra que os relatos autobiográficos, especialmente os diários íntimos, tiveram a sua morte anunciada e confirmada nas últimas décadas do século XX. No entanto, aponta a pesquisadora, houve um repentino ressurgimento dos relatos intimistas nos ambientes virtuais – com os blogs confessionais.

Pela semelhança temática dos blogs confessionais, que provocaram o primeiro *boom* de blogs na Web, com os diários íntimos, blog e diário são freqüentemente associados. Lemos (2002, *online*) chega a afirmar que essas páginas na internet são "uma apropriação social da *web* como forma de reeditar práticas antigas como os diários pessoais".

Blog confessional é diário íntimo *online*?

Pode-se dizer que os blogs confessionais são como diários íntimos, daqueles escritos em papel e na maior parte dos casos guardados em segredo, só que agora mantidos em um novo suporte – a internet? Os blogs confessionais contribuíram para o renascimento e o fortalecimento da escrita de si, muito marcada pela profusão de diários intimistas no século XIX. Mas é preciso avaliar se o balanço das semelhanças e das diferenças entre os blogs confessionais e os diários íntimos faz com que os primeiros sejam uma forma reeditada da velha prática diarista, adaptada ao novo cenário contemporâneo, ou uma prática completamente nova, uma modalidade original de escrita de si.

Para Komesu, "quem escreve sobre si, para narrar acontecimentos íntimos, insere-se na prática diarista" e é possível "identificar traços do gênero diário na constituição dos blogs" (2004, p.3). Ao mesmo tempo, Komesu alerta que a aproximação dos blogs com os diários pode ser a projeção de uma imagem estereotipada daquele que se ocupa de escritos pessoais.

Sobre essa associação, de blog confessional com diário íntimo como continuidade de uma prática, Sibilia faz uma advertência:

> Embora alguns hábitos pareçam sobreviver ao longo de períodos históricos diversos, ganhando certo ar de eternidade, convém desconfiar dessas permanências: muitas vezes as práticas culturais persistem, mas seus sentidos mudam. Do contrário, corre-se o risco de naturalizar algo que é uma mera invenção, perdendo a ocasião de compreender

> toda a riqueza de sua especificidade histórica e seu sentido peculiar na sociedade que a acolhe. (2008, p. 75)

Sibilia vai na direção da continuidade de uma prática, ou seja, a do diário íntimo, mas com o possível surgimento de novos sentidos. Primo é mais radical em sua análise: "Apesar de sabermos que novos meios 'remediam' meios anteriores (Bolter, 2001), diários pessoais e blogs apresentam características muito distintas que prejudicam sua equiparação" (2008, p. 122). Segundo Primo, a comparação com os diários ganhou consenso com rapidez porque, com a explosão dos blogs, logo se buscou um meio ou gênero anterior que desse pistas para que a nova modalidade fosse compreendida.

Apressada ou não, a comparação existe e pode ser vista como decorrente de evidências concretas: diários íntimos e blogs confessionais são constituídos de textos com conteúdo semelhante, que relatam reflexões íntimas e ações da vida cotidiana do autor. Mas também concretas são as diferenças entre as duas práticas. A seguir, será feita uma análise das diferenças mais marcantes apontadas por pesquisadores do gênero.

Surgem interlocutores

Um dos traços mais marcantes dos diários íntimos é o fato de serem, normalmente, escritos apenas para si e mantidos guardados em segredo. A lógica estrutural do blog confessional, ao contrário, é a de ser escrito no formato de *posts* e publicado periodicamente para ser lido. Os blogs confessionais, criados como páginas na internet, já surgem supondo a exibição da escrita íntima na rede e a existência de um público leitor. Mais ainda: desejam esse olhar alheio e são escritos direcionados a esse público leitor.

Sibilia (2008) explica que os antigos diários também possuíam um leitor ideal ao qual o autor se dirigia, mas "na maior parte dos casos se tratava de uma entidade meramente imaginária ou implícita. [...]. O mais provável é que esse misterioso *alguém* fosse apenas alguma obscura faceta do misterioso *eu* de cada autor-narrador-personagem" (p. 59, grifos da autora). Segundo a pesquisadora, "o autor escrevia para si próprio, ele era o seu interlocutor" (Id., Ibid., p. 31). O diário não era público e exposto ao alcance de qualquer pessoa.

Mas cabe lembrar que, apesar de a vocação exibicionista dos blogs confessionais ser apontada como um traço a diferenciá-lo dos diários íntimos, muitos dos antigos diários tradicionais que surgiram como "relatos do eu" foram publicados – com ou sem o consentimento de seus autores. Em diversas ocasiões, o autor já escrevia pensando na publicação (SCHITTINE, 2004, p.61). É o caso, por exemplo, da adolescente Anne Frank. A menina, que se tornou símbolo do holocausto, escreveu seu diário durante a Segunda Guerra Mundial, em Amsterdã, morando com a família escondida dos nazistas em um anexo secreto localizado no prédio onde seu pai antes trabalhava (FRANK, 2005). A princípio, escrevia apenas para si em um caderno especial para diário que havia ganhado de aniversário. Mas passou a ter a intenção de transformá-lo em um

livro ao ouvir na rádio o apelo de um membro do governo holandês no exílio aos cidadãos para que preservassem registros contendo história e memória da ocupação alemã durante a guerra para posterior publicação. Ela não sobreviveu ao holocausto, mas seus diários foram publicados pelo pai, Otto Frank.

Oliveira (2002) diz que a audiência nem sempre é expressamente pretendida pelos diaristas, mas cita Thomas Mallon (1995) para lembrar a opinião deste autor de que se alguém escreve – mesmo um diário –, é sempre com a pretensão de ser lido. Ainda assim, para Oliveira (2002), a questão da audiência é polêmica:

> Nem todos os diaristas assumiam a preocupação de escrever para um outro. Ao contrário, boa parte escrevia "para os próprios olhos", tendo o próprio diário funcionado como uma audiência implícita, num processo de objetivação do eu. Nesse sentido, ele funcionaria como um alterego, uma espécie de "duplo", no qual o escritor diria a si mesmo verdades inconfessáveis. (OLIVEIRA, 2002, p.73).

Sendo assim, a maior diferença dos blogs confessionais em relação aos diários íntimos, no que tange ao público leitor, talvez não seja a existência desse e, sim, a possibilidade que o leitor passa a ter de interferir na escrita do texto íntimo. Nos blogs confessionais, em geral, existe a ferramenta de comentários, que permite ao leitor a comunicação com o autor do blog.

A escrita do autor, que busca um público leitor, passa a ser influenciada pelos comentários deixados no blog. Muitas vezes, um comentário serve de tema para um novo *post* ou faz o autor refletir sobre uma posição defendida em algum dos textos postados. O autor do blog confessional "precisa de leitores, e de seus comentários e sugestões para ser alimentado" (SCHITTINE, 2004, p.187). Ele consegue, sem ser visto, trocar idéias com seus leitores, que passam a interferir na escrita do eu.

Mais do que interferir na escrita, os leitores fazem parte da dinâmica do blog. Eles interagem com o autor e entre si e o autor também interage com eles e com outros autores de blogs, mantendo em sua página links permanentes que conduzem a outros blogs ou, ainda, links inseridos no corpo de algum de seus *posts* fazendo referência a textos de outros blogs. Há conversação nos blogs – inclusive nos confessionais –, são formadas pequenas comunidades *online* (como será discutido mais adiante), algo que não existia nos diários íntimos.

Primo (2008, p.122) acrescenta que a diferença entre as práticas de diários e de blogs está no alvo de cada uma delas: os primeiros sendo voltados para o intrapessoal e, os segundos, para o interpessoal, o que pode ser comprovado pela presença de saudações, conselhos e convites nas páginas virtuais, ações sociais impensáveis nos antigos diários.

Intimamente ligado à diferença discutida no presente tópico – o surgimento de interlocutores – é o segundo corte apontado por estudiosos do gênero: tornar público o que é, por natureza, íntimo.

O íntimo é tornado público

Ao sair do papel e migrar para a tela, o escrito íntimo é tornado público. O que era escrito para ser mantido em segredo, nos diários, ganha visibilidade nos blogs. Sibilia (2008, p. 12) chega a cunhar o termo diário "éxtimo" para se referir aos blogs confessionais, um trocadilho que tenta dar conta dos paradoxos dessa novidade: uma intimidade exposta na esfera pública.

Schittine (2004, p.77) explica que, nos blogs confessionais, a qualificação "íntimo" não se aplica mais em seu sentido original. Para ela, os textos continuam a ser descritos como íntimos porque o caráter do que é escrito permanece sendo o da revelação da intimidade, mas essa deixa de ser uma intimidade em sentido original no momento em que ganha publicidade.

A própria inserção social do texto muda. Se antes, os diários íntimos eram vistos como indevassáveis e havia "uma espécie de acordo moral e ético" entre as pessoas que viviam no mesmo espaço de que um escrito íntimo era por natureza destinado a ter um caráter secreto e que, por isso, deveria ser respeitado pelos outros (SCHITTINE, 2004, p.98), com os blogs confessionais tal acordo tácito perde o sentido e deixa de existir. Considera-se apropriado ler as intimidades que alguém escreve em sua página virtual.

Como explica Schittine, em tese não se era proibido ler os diários íntimos deixados em casa, mas violar esta intimidade era algo moralmente condenável. "Na intimidade individual certos espaços devem, particularmente, permanecer na sombra; o diário íntimo é um deles, faz parte desses círculos interditados" (SCHITTINE, 2004, p.99). O limite deste território indevassável foi quebrado ou eliminado. Como, nos blogs confessionais, o texto é postado na internet, ou seja, é público, mesmo o ato de dar uma espiada na tela aberta enquanto o autor escreve é visto como legítimo.

O blog confessional, mais do que tornar pública a intimidade, cria um novo status em relação aos escritos íntimos, tirando desses o caráter de indevassável por direito moral.

No entanto, há uma linha de raciocínio de Schittine (2004) que defende que os blogs confessionais permitem ao blogueiro contar sua vida íntima em minúcias a todos os que quiserem ler sem necessariamente tornar pública sua privacidade. O escrito pessoal pode, por exemplo, estar lá, à mostra na rede, mas ser uma intimidade sem um dono específico, identificado. Como é a intimidade de qualquer um, passa a ser a de ninguém.

Quando os segredos mais íntimos são contados apenas a desconhecidos, a pessoas que não podem associar o autor daquele texto a um ser 'concreto', com rosto identificável, é como se o segredo não tivesse sido revelado a ninguém. A suposta publicidade dada ao privado, que seria apontada como uma diferença marcante entre os diários íntimos e os blogs confessionais, não se concretiza.

E para garantir a dissociação entre o "eu real" e o "eu virtual", o uso de pseudônimo ou apelidos virtuais pode ser uma estratégia, mas nem isso é requerido. A publicação na rede por si só, que se faz para um monte de desconhecidos, já dá certa sensação de proteção ao autor do blog confessional. O fato de não existir o contato face a face e de muito raramente o escritor do blog vir a ser associado por alguém à sua identidade no mundo "real" garante uma espécie de invisibilidade.

Sendo assim, ao comparar blogs confessionais e diários íntimos, a diferença mais marcante apontada é o fato de os blogueiros tornarem público um conteúdo que, em tese, deveria ser mantido na esfera privada. No entanto, podemos notar que expor os segredos mais íntimos a estranhos pode ser o mesmo que mantê-los em sigilo, ou seja, nos blogs não haveria necessariamente uma publicização da intimidade mesmo quando essa é publicada na rede.

Apesar disso, nem sempre os textos postados são lidos apenas por estranhos, o que garantiria certa preservação, como discutido acima. Há situações em que pessoas conhecidas e não desejadas têm acesso ao blog. Mas mesmo nesses casos há como o blogueiro defender a exposição de sua intimidade. Alguns mantêm páginas públicas, ou seja, acessíveis a qualquer pessoa, mas criam estratégias de escrita para administrar a que grupo suas revelações se dirigem. "Nem todos os registros de si contidos nos blogs são destinados ao entendimento do público" (PRANGE, 2003, p.111). A autora afirma haver, por exemplo, mensagens com teor implícito e que só serão entendidas por destinatários específicos. Para ilustrar, cita um trecho publicado no dia 18 de agosto de 2001 no blog *Vita brevis*: "Hoje tive meu dia de Kathleen Turner em *Mamãe é de Morte*. E a Carol nem vai ter de ligar pra saber o que aconteceu porque eu já contei pra ela, né, Carol? :-)" (PRANGE, 2003, p.112).

São tentativas de se preservar diante do olhar não desejado. Em alguns casos, há a preocupação explícita do blogueiro em não ter a sua intimidade exposta, apesar de publicá-la na rede, como revela outro trecho do blog *Vita brevis* estudado por Prange (2003):

> Acabei com o Give Me Light e criei este blog porque queria uma certa privacidade, um distanciamento da agitação (e palpites) de antes. Mandei o endereço somente pros meus amigos e pedi pra ninguém linkar. Também tomei cuidado para que o endereço não aparecesse nos sites de busca e configurei como blog não-público. De alguma forma, esse endereço vazou. E pessoas que nunca seriam convidadas têm vindo aqui. Queria pedir pra que essas pessoas não venham mais. Estão agindo como se entrassem de penetra numa festa.
>
> Publicado no blog *Vita Brevis* em 18 de agosto de 2001. (PRANGE, 2003, p. 113).

Respondendo a essa necessidade de restrição de leitura, surgiram nos últimos anos novos mecanismos de configuração das páginas virtuais que aproximam ainda mais blogs confessionais e diários no quesito preservação

da intimidade. Ferramentas de publicação, como o *Blogger*, incorporaram opções de configuração como selecionar quem pode ler o blog (qualquer pessoa / somente as pessoas que eu escolher / somente autores deste blog), quem pode deixar comentários (qualquer um / usuários registrados / somente membros do blog) e até se a página deve ou não ser encontrada em programas de busca na rede, como o *Google*. Sendo assim, o dono de um blog pode, por exemplo, configurar sua página para que somente ele a leia e ninguém comente. O conteúdo estará publicado na rede, mas com acesso protegido da observação alheia pela senha do dono do blog. Ele pode, ainda, dar acesso a um ou dois amigos próximos, como permitem alguns diaristas. Nesses casos, por que o blog não deveria ser considerado um "diário eletrônico"? Em vez de caneta e papel, teclado e tela, com a mesma preservação do segredo.

Se a questão de dar publicidade à intimidade é ainda uma diferença apontada como forte, apesar de controversa, o surgimento de um novo formato da escrita é mais consensual.

Texto apresenta novo formato

Em grande parte dos blogs confessionais a escrita dos *posts* se caracteriza por um texto curto, rápido e de linguagem informal. Além disso, mistura a formalidade do texto escrito e a linguagem coloquial do texto oral, incluindo os cortes de palavras, os sinais e os símbolos que o teclado permite (SCHITTINE, 2004, p. 187).

Vários fatores, em conjunto, contribuíram para ocasionar essas mudanças do texto íntimo no blog em relação àquele escrito no papel. Em parte, a linguagem muda porque nos blogs confessionais surge a figura do interlocutor, ou seja, o autor agora fala com alguém, se dirige a um público leitor e tenta adaptar seu texto a essa forma de conversa.

Outro motivo, comentado por Sibilia, é que a elaboração de diários "remete aos ritmos cadenciados e ao tempo esticado de outras épocas, hoje flagrantemente perdidos" (2008, p.57). Ela explica que as novas modalidades de escrita íntima são permeadas pelo tempo "real". Há certa urgência ansiosa na produção dos textos vivida para garantir a instantaneidade de sua divulgação.

Desejo de atualidade e de instantaneidade que é expresso pelas horas, minutos e segundos que identificam cada postagem. Komesu (2004) explica que na prática diarista tradicional os escritos pessoais não necessitavam do registro de tamanha precisão temporal, eram produzidos como "reflexões a serem guardadas" (p.5).

O autor de blogs parece tentar fazer com que cada *post* conquiste a simultaneidade temporal entre o que é escrito e o que é veiculado na rede, o que fica ainda mais evidente nos recentes micro-blogs, como o Twitter[7]. Essa atitude resulta em um duplo estado de permanência desses textos: é eternizado, ao ser materializado e armazenado na internet, e é fugaz, porque prontamente

ser substituído pelo *post* seguinte (KOMESU, 2004, p.5).

Como vimos, na passagem do papel para a tela, a linguagem usada nos escritos íntimos muda. Mas e o conteúdo, também se altera? Segundo pesquisadores, como a intimidade é tornada pública, surge certo grau de censura na hora da escrita.

Aparece a censura

Em tese, os diários íntimos, por serem escritos apenas para si, caracterizavam-se por uma liberdade de expressão única. No blog confessional, essa liberdade seria perdida: ainda que desejasse escrever sobre suas intimidades, o autor faria um crivo do que deve ou não revelar, já que o conteúdo é exposto a outros.

Para Helal e Gonçalves (2002), o que é exposto no blog – ou em outros meios que seguem a mesma tendência de dar visibilidade à intimidade, como os *reality shows* da TV – é uma "privacidade inventada". Segundo os autores, "o ato de alguém que se sabe vigiado difere bastante do ato espontâneo de alguém que não se encontra sob observação" (2002, p.155).

Ao analisar a privacidade exposta em *reality shows*, Helal e Gonçalves levantam dúvidas sobre a autenticidade do comportamento dos participantes que também podem ser direcionadas aos textos de quem escreve blogs confessionais:

> Se supusermos uma espécie de privacidade anônima, que é a de todos nós em nossas casas, podemos sugerir assim a existência de uma nova privacidade, a privacidade inventada pelos *reality shows*. Essa nova privacidade é a dos que mesmo no privado não podem escapar ao olhar público, uma privacidade onde o espontâneo do gesto secreto desaparece já que não pode haver gesto secreto. Uma privacidade que se encontra a meio caminho entre o público e o privado, entre o íntimo e o aberto a todos, uma privacidade que é produzida e criada (pelos participantes dos *reality shows*) exatamente para ser exibida (para o público). (2002, p.156).

Seguindo a linha de raciocínio de Helal e Gonçalves (2002), segundo a qual o que é exposto em *reality shows* da TV é uma "privacidade inventada", criada sob medida para ser exibida, os textos publicados por autores de blogs confessionais também passariam pelo crivo do que deve ou não ser mostrado. A autocensura permearia os escritos pessoais na rede, enquanto nos diários íntimos, mantidos em segredo, não existiria tal necessidade – em tese, já que sempre correm o risco de serem descobertos.

Schittine também discute a censura nos escritos íntimos de blogs confessionais. Ela menciona, por exemplo, que muitos blogueiros precisam reprimir idéias e pensamentos para não expor a privacidade de pessoas que vivem em torno deles, "relegando a segundo plano uma das características principais do diário íntimo: a de se exprimir com maior liberdade" (2004, p.101).

De fato, a presumida liberdade do diário clássico deixa de existir, nem que seja na autocensura que o autor tende a apresentar para não expor por

tabela amigos e familiares. Mas Denise Schittine lembra que "um diário em que tudo se fala, com sinceridade e exposição absolutas, é impossível até para quem se propõe a escrevê-lo da maneira mais sincera possível" (SCHITTINE, 2004, p.75). Segundo ela, isso ocorre porque há determinadas coisas da própria vida que o autor se vê impedido de revelar por não ter conhecimento suficiente sobre elas. Em sua linha de raciocínio, o blog não é transparente, assim como o diário também não o é.

As mais diversas formas de auto-relato, e neles incluídos os diários e os blogs confessionais, apresentam limites na auto-exposição, afirma Prange (2003). "Muitas vezes esses limites são explicitados, outras vezes se encontram nas entrelinhas, afirmando-se no que não é dito" (PRANGE, 2003, p.114). Segundo Prange, no caso dos blogs, são encontrados limites implícitos e explícitos para a revelação de si. A escolha de temas que podem ser abordados ou não é um exemplo desses limites. Mas o limite pode também não estar na temática e sim no aprofundamento que se dá a certo assunto.

Schittine lembra que há vários níveis de segredo pessoais íntimos. A publicação no blog pode inibir a confissão de alguns desses, mas justamente as possibilidades criadas pelo novo formato de diário na rede – como o anonimato e a criação de personagens, que dariam margem para incursões íntimas nunca sonhadas no diário clássico – podem trazer à tona outros tantos segredos ocultos no diário de papel. Para Schittine, "nos blogs confessionais, o conceito clássico de segredo se desfaz e, em seu lugar, surgem outras formas de defesa do foro íntimo, assim como outras formas de fazer vir à tona aquilo que estava escondido" (2004, p.78).

Poder-se-ia dizer que, ao se inventar um personagem na rede, o autor passa a fazer ficção e não um diário íntimo. Mas Philipe Lejeune (1975), como relata Lobo (2007), afirma que mesmo quando o autor usa uma falsa identidade, ele passa para o texto os problemas que lhe dizem respeito, suas preocupações. "Os blogs mostram essa mesma tendência ao serem narrados por pseudônimos, apelidos, iniciais e até enigmas" (LOBO, 2007, p.29).

É como explicita uma das polêmicas frases de Oscar Wilde: "Quanto mais o homem fala de si mais deixa de ser ele mesmo. Mas deixe que se esconda por trás de uma máscara e então ele contará a verdade" (WILDE, 2000, p. 515).

Luiza Lobo aponta ainda que, com o nome real ou um fictício, "qualquer autobiografia é forjada na medida em que o autor cria para si e para o leitor uma ilusão daquilo que deseja revelar de si mesmo" (LOBO, 2007, p.56).

Nos blogs confessionais existem, sim, censura e segredos ocultados, assim como também ocorria na escrita íntima do diário de papel.

A presença de formas específicas de censura quando a escrita íntima se dá em páginas da Internet e todas as outras diferenças entre diários íntimos e blogs confessionais expostas até aqui, de certa forma, advêm de uma única mudança: o novo suporte dos textos pessoais.

Muda o suporte material

Migrar da escrita em papel para a escrita digitada em um teclado ou da folha do caderno para a tela, não é uma mera variação de suporte sem conseqüências para a prática da escrita íntima que continua sendo a mesma. O suporte irá interferir, de forma decisiva, em múltiplos aspectos da escrita íntima. Interfere, inclusive, como foi analisado, no próprio conceito do que se denomina íntimo.

Propriedades do novo suporte, como permitir a comunicação com o leitor e a publicidade imediata dos textos escritos, são consideradas um corte entre o diário e o blog.

> O fato de ser um hipertexto eletrônico diferencia os ciberdiários dos antigos diários pessoais já que o formato hipertextual (atualização constante, de qualquer lugar e em tempo real, com utilização de links e outros recursos audiovisuais, alcance planetário e imediato…) e a publicização não faziam parte das experiências com diários em papel. (LEMOS, 2002, *online*).

Para Komesu, é essencial problematizar o suporte ao se avaliar as novas relações com as práticas de escrita íntima. Isso porque os eixos tempo, espaço e interatividade são concebidos a partir de sua constituição pelo suporte material específico (2004, p.7).

O novo suporte para os escritos íntimos – a página na internet – abre diversas possibilidades inexistentes no diário, como a interatividade, e traz consigo características inerentes a ele, como a publicidade do conteúdo, que alteram parte da essência da antiga prática. É também o novo suporte que faz o diário perder sua velha aura.

Perde-se a aura do "caderno único"

Walter Benjamin (1985) aponta o desaparecimento da aura em virtude da reprodutibilidade técnica que destrói a unicidade de uma obra. Sibilia (2008) afirma que os antigos diários íntimos de papel ainda resguardavam essa aura denunciada como perdida por Benjamin por possuírem "uma certa autenticidade", um caráter único que emanava de sua originalidade material, do fato de "não serem cópias infinitamente reproduzíveis por meios técnicos, mas documentos únicos e irrepetíveis" (p. 37). Com a passagem para a internet e a possibilidade de uma reprodução infinita e ao alcance de todos, os diários (se é que blogs confessionais podem ser vistos como diários íntimos *online*) teriam perdido a aura.

No entanto, Sibilia adverte que permanece um resquício aurático em tais escritos pessoais, mesmo publicados na rede. Segundo ela, essa qualidade persiste por residir em parte na referência autoral e não no objeto em si.

> Os acontecimentos neles relatados são tidos como autênticos e verdadeiros porque supõe-se que sejam experiências íntimas de um indivíduo real: o autor, narrador e personagem principal da história. Um ser sempre único e original, por mais diminuto que ele possa ser – *eu*, *você*, qualquer um de *nós*. Pois os fatos relatados nos gêneros autobiográficos

são considerados verídicos e, inclusive, verificáveis. Por isso, às vezes, nos escritos éxtimos que circulam pela Internet ainda parece assomar algum vestígio longínquo da velha aura" (SIBILIA, 2008, p. 37).

Considerações finais

É preciso cuidado para não se fazer uma comparação apressada e considerar que blogs confessionais são diários íntimos *online,* ou seja, apenas uma continuidade do diarismo em outro suporte. Por outro lado, também é preciso estar atento às supostas diferenças apontadas como rupturas entre as duas práticas.

Muito do que se aponta como diferença – como a exposição da intimidade, o fato de o texto no blog ser escrito para ser lido por outras pessoas e a possibilidade do surgimento de censura –, na verdade guarda certa semelhança com a prática diarista quando essa é analisada em maior profundidade. Em um olhar superficial, à primeira vista, essas supostas diferenças podem parecer um corte a separar as duas práticas, mas ao se debruçar sobre o tópico, muitas dessas mudanças são relativizadas e deixam de constituir uma diferença de fato.

É preciso ter em mente que todas as diferenças apontadas entre diários íntimos e blogs confessionais servem mais para se entender a estrutura, o funcionamento e a apropriação que se tem feito dessas páginas de escritos íntimos na Internet do que para se decidir pelo surgimento de uma nova prática ou pela continuidade de uma prática anterior. Há características que só ressaltam aos olhos com a comparação.

Neste sentido, os blogs confessionais devem ser comparados não apenas aos diários (como foi feito no curto espaço deste artigo), mas também a uma série de outras modalidades de escrita compostas por relatos auto-referentes – como autobiografias, memórias, cartas, ensaios etc –, assim como os blogs confessionais.

É evidente que há traços da prática diarista nos blogs confessionais, mas há características intrínsecas aos blogs confessionais que dão a essa escrita novos sentidos. Pelas semelhanças, é possível usar subsídios que vêm dos diários íntimos para entender, em parte, os blogs confessionais, mas é necessário estar atento às especificidades do blog confessional para não analisá-lo de forma imprópria ou distorcida.

Notas

1Trabalho apresentado no III Seminário Interno PPGCOM UERJ – Grupo Temático Internet e Tecnologias.

2 Termo que representa o mundo dos blogs: o conjunto total destas páginas e a rede social formada por seus autores e leitores.

3Consulta feita sobre o estado da blogosfera em julho de 2009.

4É o conteúdo postado em um blog (texto, imagem e som).

5 Termo utilizado para designar aquele que escreve em blogs.

6 http://oldweblogscomblog.scripting.com/historyOfWeblogs. Acesso em 12/01/2008.

7 Site representante de uma nova linha de blogs, os nano-blogs ou micro-blogs. Também é constituído por posts publicados em ordem cronológica reversa, como nos blogs tradicionais, mas o conteúdo das mensagens, que originalmente visava revelar a vida do autor de modo instantâneo, é limitado em 140 caracteres.

Referências bibliográficas

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs.). *Blogs.com*: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FERREIRA, Aletéia e VIEIRA, Josiany. A moda dos blogs e sua influência na cibercultura: do diário virtual aos *posts* comerciais. In: *E-Compós* (Brasília), 2007.

FRANK, Anne. O diário de Anne Frank: edição integral. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GONÇALVES, Márcio Souza e HELAL, Ronaldo. Do Grande aos Pequenos Irmãos - relação entre mídia e controle social. In: *Intercom* (São Paulo), São Paulo, 2002.

KOMESU, Fabiana. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In: Luiz Antônio Marcuschi; Antônio Carlos dos Santos Xavier (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

LEMOS, André. A Arte da Vida. Diários Pessoais e Webcams na Internet. In: *Cultura da Rede*. Revista Comunicação e Linguagem, Lisboa, 2002. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/arte%20da%20vida.htm>.

LOBO, Luiza. *Segredos Públicos*: os blogs de mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MALINI, Fábio. Por uma Genealogia da Blogosfera: considerações históricas (1997 a 2001). In: *Revista Lugar Comum*. Rio de Janeiro: n.21-22. Disponível em: <http://fabiomalini.files.wordpress.com/2008/05/modeloinovcom_sudeste-fabio-malini-com-referencias.pdf>.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. *Diários públicos, mundos privados*: Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade. Dissertação de mestrado. UFBA, 2002.

PRANGE, Ana Paula Lobão. *Da literatura aos blogs*: um passeio pelo território da escrita de si. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

PRIMO, Alex . Blogs e seus gêneros: avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In: *Intercom* (Natal), Rio Grande do Norte, 2008.

ROCHA, Paula Jung. Blogs: sentimentos em rede compartilhados na pós-modernidade. In: *Revista Famecos*, Porto Alegre, nº 22, dezembro de 2003.

SCHITTINE, Denise. *Blog:* comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SIBILIA, Paula. *O show do eu:* a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. *Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica*, 2003. Disponível em: <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB6.PDF>. Acesso em julho de 2008.

WILDE, O. *As obras-primas de Oscar Wilde.* Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.